

FHC - Viagem

# FHC quer mais espaço no Banco Mundial e FMI

José Paulo Lacerda/AE

*Luta por vaga no Conselho de Segurança serve como alavanca principal da estratégia*

DENISE CHRISPIM MARIN

Enviada especial

**N**OVA YORK – A demanda do Brasil por uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) tornou-se a principal alavanca da estratégia do presidente Fernando Henrique Cardoso de inserir o País nos foros de decisão internacionais. Nesse contexto, o importante não é conquistar a vaga, mas garantir a maior participação brasileira nos organismos multilaterais de financiamento, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, e em um G-8, o grupo que reúne as sete nações mais ricas e a Rússia, ampliado com economias emergentes.

O presidente esmiuçou sua estratégia numa conversa informal com assessores no coquetel oferecido pelo cônsul-geral do Brasil em Nova York, Flávio Perri, na noite de sábado. Ele reconheceu que o assento permanente do Brasil no Conselho de Segurança teria um custo elevado – significaria, por exemplo, contribuição acentuada do País às forças de paz da ONU. Ao ser questionado se isso seria incompatível com as restrições orçamentárias impostas pelo ajuste fiscal, deu uma piscadela e concordou.

Fernando Henrique disse que a maior participação do Brasil nos foros econômicos internacionais tornou-se prioridade diplomática, assim como a reformulação do G-8, com a inclusão dos países emergentes. Esses pontos estavam presentes no seu discurso na abertura da Assembléia-Geral da ONU, sábado. E vinham sendo antecipados nas semanas anteriores, tanto nos discursos que fez na viagem à Europa, como nos encontros que teve com líderes europeus e, já na quinta-feira, com o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush. “Em matéria de política, vocês sabem, é água mole em pedra dura: tanto bate até que fura”, brincou no sábado, ao falar dessas conversas.

“Acho que, crescentemente, o Brasil está compreendendo que é importante sua participação no foro global porque a economia está globalizada”, afirmou. “Se o Brasil não tiver voz forte, quem perde são os brasileiros. É ao povo que interessa

isso, porque aumentam as possibilidades, não só de comércio, mas de intercâmbio cultural, de política, de defesa do Brasil.”

Ele contou que seu discurso na ONU teve repercussão rápida e no sábado vários líderes da América Latina e da Europa lhe contaram que pensavam o mesmo. “Todos me disseram que o que eu disse expressava o sentimento deles também.”

Na conversa com assessores, o presidente fez uma distinção entre seu grau de interlocução com chefes de Estado dos países desenvolvidos, que considera bastante elevado, e o do País, que ainda acha tímido. E explicou que concentra seus esforços em promover a institucionalização da presença do Brasil nas discussões de temas de impacto mundial e nos foros de decisão. Ele disse que é o País que deve ser um interlocutor forte, e não um ou outro presidente. Essa seria a principal herança de sua diplomacia para seu sucessor.

**FMI** – Fernando Henrique afirmou que, embora note mudanças positivas na orientação do FMI, deve fazer forte discurso em defesa de sua reestruturação, assim como a do Banco Mundial, na Conferência das Nações Unidas para o Financiamento do Desenvolvimento, em março de 2002, em Monterrey, no México. No sábado, ele foi convidado a participar dessa reunião pelo presidente mexicano, Vicente Fox. “O que for

importante para o Brasil, eu vou.”

Em agosto, o presidente criticara o FMI, particularmente a rigidez no cálculo das metas de ajuste fiscal a serem cumpridas pelos países a quem dá empréstimos.

Como alternativa, ele propôs que o fundo adote os critérios previstos pelo Tratado de Maastricht, da União Européia. O Brasil já vem reivindicando acesso a uma cota maior no FMI, que lhe garantiria maior peso nas suas decisões.

No sábado, após o discurso na ONU, Fernando Henrique visitou os escombros do World Trade Center, e confessou-se comovido, principalmente quando conversou na saída com um grupo de cerca de 50 americanos. “Eu me emocionei porque alguns deles choraram quando eu disse que vinha do Brasil prestar solidariedade”, contou. Ele embarcou ontem de volta para Brasília, por volta das 11 horas (14 horas, no Brasil).

■ *Mais informações nas páginas B1 e B3 do Caderno de Economia*



*Fernando Henrique e Ruth Cardoso deixam a residência do embaixador do brasileiro na ONU para voltar a Brasília: “Se o Brasil não tiver voz forte, quem perde são os brasileiros. É ao povo que interessa, pois aumentam as possibilidades, não só de comércio, mas de intercâmbio cultural, de política, de defesa”*